

ADOECE E VIVER NO FINAL DO MILÊNIO¹

Maria Aparecida Lopes Nogueira²

Em princípio, eu poderia afirmar que não estou falando com meus pares, visto que sou antropóloga, e, a maioria de vocês presentes neste Encontro é composta de médicos. No entanto, penso que essa questão não pode, e não deve, ser colocada, assim, de maneira tão simples. Creiam, pois, que existe uma infinidade de desdobramentos/conexões que possibilitam uma aproximação entre Medicina e Antropologia. São esses desdobramentos/conexões que me fazem sentir uma “estrangeira muito à vontade” neste Congresso, e lhes direi o porquê disso.

Acontece que, na perspectiva que trabalho, a preocupação central é re-juntar/re-ligar os diversos campos do conhecimento, com o objetivo de estudar o homem inteiro, resgatando o sentido da Antropologia enquanto estudo do *Anthropos*. Devo informar que tal Antropologia se circunscreve no âmbito do Paradigma da Complexidade.

E vocês podem, agora, me perguntar: – E o que é Complexidade?...

Eu lhes respondo que, de acordo com o antropólogo, sociólogo e filósofo Edgar Morin, Complexidade é “tecer junto”: ou seja, estabelecer o diálogo entre elementos contraditórios, paradoxais. Para ficar mais claro, o autor recorre à metáfora da teia, e não é à toa que enfatiza os “nós” dessa teia,

¹ Trabalho apresentado no XI Congresso Brasileiro de Medicina Psicossomática, Recife-PE.

² Antropóloga, Doutora em Ciências Sociais, Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre o Imaginário, UFPE.

os quais denomina de “nós górdios”, que não são outra coisa, senão, as dificuldades na construção do diálogo dos contrários.

Não se assustem!...

Não estou falando, aqui, de exterminar as disciplinas, ou os especialistas, trata-se tão-somente de buscar o diálogo, ou melhor, de *perseguir* o diálogo entre os mais diversos campos do conhecimento. É nesse ponto que eu e vocês nos encontramos!

Segundo Edgar Morin, o diálogo, ou seja, a *Dialogia* a que me refiro, permite uma junção epistemológica entre os pares de opostos natureza-cultura, animal-homem, biologia-antropologia, vida-morte. É evidente que tal junção requer uma ciência *metamorfoseada*, segundo o químico, Prêmio Nobel, Ilya Prigogine. Estes autores, e tantos outros, estão falando de meta-patamares de re-organização do conhecimento.

Ressalto, agora, que esses metapatamares são se construíssemos uma Teia, Infinita Teia.

Toda esta re-junção de que estou falando, reflete um esforço em direção à construção de um saber transversal/transdisciplinar. E aí não preciso mais demarcar, tão nitidamente, as especialidades, e, sim, buscar o diálogo entre os mais diversos campos do conhecimento, para que, em última instância, possamos compreender melhor o Homem; sempre enfatizando que “a espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante toda a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos” (Morin, s/d. , p. 13).

Esta proposta, aliás, não é nova, e não é esforço só dos antropólogos, como podemos constatar com a utilização, neste trabalho, de autores de áreas diferenciadas do conhecimento. Trata-se de um árduo empreendimento, e o fato mesmo de eu estar aqui, neste Encontro, é significativo. Posso dizer, então, sem receio, que todos estamos buscando “brechas”, possibilidades de diálogo e de ajuda; todos nós estamos tecendo a Teia.

Segundo os pensadores da Complexidade, é fundamental que construamos metaconceitos que nos permitam transversalizar as disciplinas, ao mesmo tempo que nos

convidam a refletir sobre temáticas gerais, como, por exemplo, a da Cultura.

Se entendermos Cultura, como o faz E. Morin, ou seja, enquanto “o capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica e das crenças míticas de qualquer sociedade” (Morin, s/d, p.17), então é possível a junção epistemológica dos pares de opostos natureza-cultura, animal-homem. É necessário, no entanto, dizer que a relação entre os elementos constitutivos desses pares é complementar, antagônica e concorrente.

Nesta altura, convido todos vocês para tecerem comigo essa Teia, que envolve a transdisciplinaridade/transversalidade... E então o cotidiano se nos apresenta prenhe e grávido de sentidos!... Aliás, a capacidade de simbolizar/atribuir significado é uma característica universal do Homem; evoco tal capacidade, sob a égide do Paradigma da Complexidade, é claro.

Faço mais uma ressalva: minha busca pelas recorrências/redundâncias é ancorada em “ferramentas” metodológicas propostas por Lévi-Strauss, Gilbert Durand e Edgar Morin.

Apoiada na sentença de Heráclito: “viver de morte, morrer de vida”, ressalto que não podemos falar da Vida se não falarmos, também, da Morte. Afinal, segundo Santo Agostinho, “o homem morre desde que nasce”. Trata-se, é claro, de um paradoxo. Segundo E. Morin, este paradoxo não é fútil, pois ele permite compreender que nossas moléculas e nossas células morrem; portanto, viver é, sem cessar, morrer e rejuvenescer. Este mesmo viver, morrer e renascer também se expressa metafisicamente, como no caso na crença do Milênio, cujo Mito Fundador (Gilbert Durand), em se tratando do Cristianismo – a Morte e Ressurreição de Cristo – assume a sua concretude rompendo a oposição entre o físico e o metafísico, a exemplo da Romaria que realiza essa fusão no espaço, durante a peregrinação (Rubem César Fernandes).

Isto significa dizer que, a própria degradação dos componentes moleculares e celulares é a doença que possibilita a superioridade do ser vivo sobre a máquina. A doença é “a fonte da constante renovação da vida e não significa apenas que a ordem viva se alimenta de desordem: significa também que a

organização do ser vivo é essencialmente reorganização permanente (...) A vida funciona com a desordem, tolerando-a, servindo-se dela e combatendo-a simultaneamente, numa relação ao mesmo tempo antagonista, concorrente e complementar” (Morin, s/d., p.10). Na verdade estou falando, aqui, da idéia do “acaso organizador”, proposta pelo biólogo Henri Atlan.

Se a Morte é, então, o Paradigma da Cultura, e mais: “se os temas fundamentais da morte são transferências e metáforas míticas de processos bióticos fundamentais, é porque colmatam a brecha antropológica entre o indivíduo e a espécie, porque correspondem à recusa da morte e minoram o traumatismo da morte” (Idem, p.17).

Entretanto, o fato do Homem ter consciência de sua finitude, não significa dizer que aceite esta finitude. Pelo contrário, a Vida se torna, então, uma constante busca da Imortalidade!... E o Homem lança mão de todas as alternativas possíveis para driblar a Morte, não se conforma, se opõe a essa natureza. “Faz de anjo, mas o seu corpo faz de animal, que apodrece e se desagrega como o de um animal... É homem, isto é, inadaptado à natureza que traz em si, dominando-a e sendo dominado por ela. Essa natureza é a espécie humana, que, como todas as espécies evoluídas vive da morte dos seus indivíduos: fato que nos permite entrever não somente uma inadaptação exterior, geral, do homem à natureza, como também uma inadaptação íntima do indivíduo humano à sua própria espécie (Morin, s/d., pp. 52-53).

Nesse âmbito, a Arte é um registro claro da busca da Imortalidade, mito criado pelo Homem para negar sua finitude, sua Morte. Em entrevista recente, dada pelo escritor Ariano Suassuna ao jornalista Pedro Bial para a *Globo News*, ele afirmou não aceitar a Morte. Em outro momento, durante uma “aula-espetáculo”, Suassuna reiterou seu inconformismo com a Morte ao declarar: “eu já decidi, não vou morrer... e pronto!” Através de seus Personagens (todos com uma forte marca de si), o autor se immortaliza, vence a batalha com a Morte; o que vem ao encontro da idéia de I. Prigogine, segundo a qual a Arte como que “congela” a seta do tempo. Outros “congelamentos” são os

livros do antropólogo Lévi-Strauss *Saudades do Brasil e Saudades de São Paulo*, belíssimos ensaios fotográficos.

Para Gilbert Durand, é no instante em que ocorre o entrecruzamento do olhar do antropólogo com o olhar da obra de arte (pois é, a obra de arte também nos olha!), é neste instante que se dá a compreensão. E de novo ressalto: o entrecruzamento de que fala Durand, não diz respeito, apenas, à relação pesquisador-obra de arte, ele ocorre em qualquer “registro” que o antropólogo utilize como campo de pesquisa.

E mais: é legítimo que busquemos na Arte outros caminhos para a construção do conhecimento. Segundo T. Todorov, búlgaro radicado na França – pesquisador do CNRS e autor de diversas obras de Teoria Literária, de história do pensamento e de análise dos fenômenos culturais –, a Literatura é uma Antropologia Implícita e, como tal, é legítimo que se busque em autores, como Ariano Suassuna, uma Antropologia.

E por falar em Ariano Suassuna, cito a seguir um trecho de sua peça *A Pena e a Lei*, onde o autor trata da questão da Morte com humor. Trata-se do diálogo de dois personagens mortos, que já estão em “outro plano”, aguardando o julgamento do Todo-Poderoso. Penso ser um exemplo que condiz com a condição de médico, da maioria de vocês. Mas vamos ao diálogo:

Marieta

De que foi que eu morri?

Padre Antônio

Você morreu de besta!

Marieta

De besta? Eu não digo? Foi coisa que eu nunca fui!

(...)

Padre Antônio

Pois a desgraça começou aí. O sangue, rompendo os vasos sanguíneos da laringe,

precipitou-se pelos caminhos mais ásperos do conduto abdominal. Os rins se contraíram de tal modo, que fizeram pressão na parede interna do hipogástrico. Os sucos biliares e pancreáticos estouraram nesse momento para os lados do coração, causando tal ansiedade neste músculo central que ele despedaçou as cadeias que o detinham, invadindo o território destinado aos órgãos pulmonares. O nó da vida, não suportando o embate de tantas catástrofes, estava para se desatar. Você, com sua besteira, não tomou as providências para evitar isso, e, como dizem os jornais, veio o desenlace.

Marieta

E onde está minha besteira, que eu não estou vendo?

Padre Antônio

Em não tomar a providência! (Suassuna, 1994, p.176-177).

Mais do que uma mera descrição de um homem imerso no seu cotidiano, Suassuna nos traz um homem inteiro, múltiplo, que carrega em si todas as questões básicas, existenciais, relativas a todos os homens de qualquer tempo e lugar: Quem sou? De onde vim? Onde estou? Para onde vou? ... No fundo, este é o grande dilema humano tratado pela Filosofia: a angústia diante da Morte!... Forja-se, aí, a sutura do par de opostos particular-universal, tão cara aos antropólogos. Através de um mergulho profundo no homem sertanejo, na cultura brasileira, o autor encontra o Homem Universal.

Para Gilbert Durand, o símbolo que permite o bom senso do equilíbrio diante da Morte, “através de um Ser que não passa, a quem pertence a eterna infância, a eterna aurora; e o símbolo resulta então numa eterna teofonia” (Durand, 1988, p.100). A Vida como que se “escora” na Morte, e permite uma vida do espírito a partir da “troca do nascimento e da morte” onde “a

simbólica se realiza” (Paul Ricouer). Percebe-se, pois, a dialética em ação que é o símbolo, mediador entre o Eterno e o Temporal; em outras palavras, entre a Vida e a Morte.

Ainda segundo Durand, as “Estruturas Antropológicas do Imaginário” revelariam atitudes profundas do Homem diante da Morte; assim, na Estrutura Heróica (representação confinada no Regime Diurno da Imagem) a Morte é enfrentada como se fora um monstro, ou seja, o antídoto do Tempo é buscado em um nível sobre-humano. A Estrutura mística (Regime Noturno da Imagem) procura tal antídoto “na securizante e quente intimidade da substância ou nas constantes rítmicas que escondem fenômenos e acidentes” (Durand, 1989, p.135), ocorrendo um eufemismo pleno dos temores e terrores da Morte. Tal atitude conduz a outros caminhos, nos quais subjaz até a própria beleza da Morte, e o homem se serve de modo total do desejo da eternidade, invertendo as imagens da Noite e da Morte, impondo a Vida Eterna. Esta inversão pode ser apreendida no verso do cantor e compositor Gilberto Gil: “Se a morte faz parte da vida, e se vale a pena viver, então morrer vale a pena”.

E a Morte marca profundamente o compasso da obra de autores como: Augusto dos Anjos, Edgar Morin, Camus, Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, entre outros. Vejamos, a seguir, o poema de Augusto dos Anjos *Vozes da Morte*:

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!

Convém, lembrar, ainda, que Max Weber era um depressivo (na acepção médica do termo); e que Fernando Pessoa, Noel Rosa, Nelson Rodrigues, Manuel Bandeira e Ariano Suassuna foram acometidos de tuberculose. O *O Poema de Finados*, de Manuel Bandeira, é um exemplo emblemático da presença constante da Morte na literatura:

Amanhã que é dia dos mortos
Vai ao cemitério. Vai
E procura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
O filho tem mais precisão.

O que resta de mim na vida
É a amargura do que sofri.
Pois nada quero, nada espero.
E em verdade estou morto ali.

Trata-se, pois, da Doença e da Morte possibilitando a reinvenção da Vida, numa eterna recursividade; é a própria realização da Imortalidade, através da dimensão do mágico/mítico/simbólico, explicitada no seguinte poema (sem título) de Fernando Pessoa:

Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na
Primavera passa.

A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem
importância nenhuma.

Se eu soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de Amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de
amanhã.

Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir
senão do seu tempo?

Gosto que tudo seja real e que tudo esteja
certo;

E gosto porque era assim seria, mesmo que eu
não gostasse.

Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se
quiserem.

Se quiserem, podem dançar e cantar à roda
dele.

Não tenho preferências para quando já não
puder ter preferências.

O que for, quando for, é que será o que é.

No entanto, a busca da Imortalidade não é privilégio dos
artistas, o que pode ser constatado no trecho em que Morin
descrever sua dor pela morte da mãe:

*A morte atingira a minha mãe num vagão de
caminho de ferro de subúrbio, o que me
esconderam, contando-me que ela partira
para uma cura em Vittel. O meu tio Jo tinha-
me levado pra casa de minha mãe tida
Corinne, e o meu pai deveria acompanhar
minha mãe a Vittel. Não me preocupei.*

Detectei a morte dois dias depois, a 28 de junho de 1931, e dois sapatos pretos, a que se sobrepunham uma das calças e um casaco pretos, os quais, por sua vez, se sobrepunha a cara do meu pai, que eu olhava de baixo, sentados na relva da praça Martin-Nadaud, que confina com o cemitério de Père-Lachaise e que era o jardim mais próximo da casa da minha tia, na Rua Sorbier. Fui invadido por uma Hiroxima interior. A morte instalou-se imediatamente no meu ser sob a forma de dor, horror e segredo. Escondi o que compreendera, o que sentia, e continuei a escondê-lo do meu pai, da minha tia, de todos os membros da minha família (Morin, s/d., pp 13-14).

Algumas tribos indígenas, inclusive no Brasil, comem as cinzas dos seus mortos para imortalizá-los e adquirir sua força. Na Bíblia, tem-se o registro da ressurreição de Cristo; é Cristo “levado” pela Morte que transforma e inverte o sentido da própria Morte. “Cristo acompanha os mortais na viagem, submete-se à mesma passagem perigosa, e a imagem do cinéfalo domado, tornado cristóforo, inverte o seu próprio sentido e torna-se protetora, talismã contra a violência da Morte” (Durand, 1989, p.142); lembro que, enquanto no ritual da Missa, nos é ensinado, a nós católicos, que comemos e bebemos o corpo e o sangue do Senhor, na Nova Guiné (sociedade de plantio) esse “canibalismo” é ritualizado da seguinte maneira:

Num campo sagrado, soam tambores, cantos ecoam, depois há uma pausa. Isso prossegue por quatro ou cinco dias consecutivos. (...) Por fim chega o grande momento. Dá-se a celebração de uma verdadeira orgia sexual, rompendo todas as regras. Os rapazes que vão ser iniciados na vida adulta terão agora sua primeira experiência sexual. Há um grande galpão de troncos enormes, escorados por

duas colunas. Uma jovem entra, ornamentada com uma deusa, e é deitada no lugar bem abaixo do grande teto. Os rapazes, por volta de seis, enquanto os tambores soam e os cantos ecoam, um após o outro, têm a sua primeira experiência de acasalamento, com a garota. Quando o último rapaz está próximo do auge, as escoras são retiradas, os troncos desabam e o casal morre. Dá-se aí a união de macho e fêmea, como eram no começo, antes que tivesse lugar a separação. É a união de procriação e morte: ambas são a mesma coisa. Então o jovem casal é puxado para fora, assado e comido, nessa mesma noite. O ritual é a repetição do ato original de matar um deus, a que se segue o surgimento do alimento, dos restos do salvador morto (Campbell, 1990, p.113).

Para o antropólogo Roberto Motta, o fenômeno da possessão, no Xangô, possibilita a ultrapassagem da Morte. No instante em que o adepto é possuído pelo Santo, ele é tomado pelo Divino, e, por isso, vivencia a Imortalidade; portanto, é preciso compreender que o mistério primeiro não é a Morte, e, sim, a atitude diante Dela, lembrando que “nenhuma sociedade, incluindo a nossa, conheceu ainda a vitória total, quer da imortalidade, quer da consciência desmitificada da morte, quer do horror da morte, quer da vitória sobre o horror da morte” (Morin, s/d., p. 36).

Podemos afirmar, então, que a Religião é a principal responsável pela manutenção do mito da imortalidade, dando uma forma e uma “saúde” ao traumatismo da Morte. Desse modo, ao mesmo tempo que fornece ao indivíduo uma adaptação ao fenômeno da “Sono Eterno”, ela também contribui para sua inadaptação. Segundo Morin, “quanto mais evoluída for a civilização, tanto mais a religião tenderá, pelo seu próprio movimento, a hipertrofiar-se, a repisar o horror da morte, ao passo que os vivos tenderão a esquecê-lo. (...) O sereno equilíbrio do crente (quando existe) baseia-se no delírio

patológico da sua religião. Porém, de outro ponto de vista, a religião é a saúde social, que acalma o mórbido terror individual à morte. Há reciprocidade. A religião é uma adaptação que traduz a inadaptação humana à morte, uma inadaptação que acha a sua adaptação”(Idem, p. 76). Vale ressaltar que, em se tratando do Cristianismo, podemos falar de sua busca de adequação a todas as formas de sociedade (da feudal à capitalista moderna), podendo ainda se transformar para adequar-se à sociedade socialista; dentro disso, o Cristianismo, sim, é que é imortal!

Será que podemos entender o florescimento de Novas Religiosidades, igualmente, como alternativa de ultrapassagem da Morte?... Até que ponto esse florescimento expressa a angústia do Homem diante do seu Destino irreversível, que é a Morte?... E mais: Poderíamos entender que, este final de milênio, caracterizado, entre outras coisas, pela fragmentação, estaria nos levando, a todos nós homens, às mais diversas formas de busca da Imortalidade?!... São questões difíceis, nem sempre respondidas, ou entendidas, no âmbito apenas das conexões lineares. Portanto, para entender a Morte, “é necessário revelar as paixões profundas do homem para com a morte, considerar o mito na sua humanidade e considerar o próprio homem como guardião inconsciente do segredo” (Morin, s/d., p.19).

O fato é que o imbricamento Vida-Morte que se desdobra na tentativa da ultrapassagem da finitude, como que une todos os homens, ressalto que cada Cultura oferece/cria/recria dispositivos visando a Eternização. E, de nova, emerge o Homem Universal a partir das diferenças, aquele que se apieda (Rousseau) diante da Morte de qualquer ser vivo, de qualquer Homem: trata-se da ameaça concreta do extermínio da nossa espécie. Por isso é que vemos, tanto nas culturas onde se desenvolve o culto dos mortos e dos cadáveres, como nos místicos e nos poetas, ser reabilitada a Noite e a Sombra, e a ameaça das trevas inverte-se numa Noite benfazeja.

No âmbito dessa constelação – a Morte – somos sobrepujados pela dor, confrontados com o horror e o sofrimento da perda, é marca profunda na nossa Vida. Não compreendemos a Morte, apenas choramos pelo instinto do não-mais! Ela se impõe de modo obsessivo-compulsivo (“idéias

obsessivas”, de E. Morin), imprimindo um compasso peculiar à toda a espécie humana. Segundo Eliade, “a vida não é mais que a separação das entranhas da terra, a morte reduz-se a um retorno à casa... o desejo tão frequente de ser enterrado no solo pátrio não passa de uma forma profana do autoctonismo místico, da necessidade de voltar à sua própria casa” (Eliade, 1993, p.222). A esse respeito convém ressaltar que, no Brasil e sobretudo no Nordeste, mais especificamente no sertão, as pessoas que moram na zona rural externam seu desejo de serem enterradas no terreno da própria casa; e mais, tem-se conhecimento mesmo da existência de túmulos caseiros, o que vem corroborar a idéia de que o complexo do regresso à mãe pode inverter e sobredeterminar a valorização da própria Morte e do sepulcro.

Neste sentido, a terra torna-se berço mágico e benfazejo porque é o lugar do último repouso, visto que é no próprio túmulo que ocorre a inversão eufemizante na qual o ritual mortuária é antífrase da Morte. Existe, então, um gosto pela Morte, até mesmo uma fascinação pelo suicídio, pelas ruínas, pelo jazigo e pela intimidade do sepulcro, relacionada às valorizações positivas da Morte, encontradas no âmbito do Regime Noturno da Imagem. No entanto, esse “gosto” não é amor pela “Longa Noite de Sono”, ao contrário, trata-se de escarnecer Dela; e, aqui, lembro de um verso de Manuel Bandeira: “quando a Indesejada das gentes chegar”.

A Morte é forjada em constantes desencantos e reencantos, razão e des-razão, começo e fim. É o Destino, duro Destino do Homem, e, ao mesmo tempo, seu Resgate e Redenção. Na maioria das Mitologias existentes, a Morte é temática favorita, e se expressa em todos os momentos, unindo o Homem ao Divino, e, por isso, inconscientemente, o Homem à busca sem cessar, pensando em encontrar no final do caminho sua Imortalidade. Tal fato é apreendido enquanto atitude característica da Estrutura disseminatória (também do Regime Noturno), segundo G. Durand; ou seja, pode-se dizer que o Homem, conscientemente, busca aniquilar a fatalidade da cronologia, e centra-se apenas no devir. Apesar dessa centralização no devir, esta Estrutura mantém a eterna tensão Vida-Morte, pois isto não se trata aqui de dicotomia, e sim, de

dialogia entre os termos; vale dizer, à título de exemplo, que este ciclo dos contrários é encontrado na cosmologia social dos Bororo, revelando enfim a existência de uma constelação de símbolos que gravitam em torno do domínio do tempo e por consequência, da própria Morte.

Apreende-se no estudo da temática da Morte, o entendimento de Morin segundo o qual esta é o Paradigma da Cultura, e, portanto, põe em relevo dois aspectos: “por um lado, a realidade biológica do ser humano, que é mortal como todos os seres vivos; por outro lado, a realidade humana do mito e do imaginário, que sempre projetam uma vida além da morte” (Morin, 1995, p.31). O sentimento de perda na espécie, que vem à tona com a Morte de qualquer Homem, permite que nos mobilizemos para subvertê-la, transgredi-la, driblá-la. Assim é que, ela é também tida como ato encantatório que une o Homem ao enigma da Vida, enigma este que ninguém consegue decifrar, portanto, o Homem está perdido.

Este rito de Passagem – a Morte – configura a invenção da Cultura, é aí que o Homem imprime sua marca, diferenciando-se das outras espécies. Segundo Eugène Pittard, “não somente o homem Neanderthal enterra os seus mortos, como também os reúne por vezes (gruta das crianças, perto de Menton). Já não se trata de instinto, mas sim do dealbar do pensamento humano, que se traduz por uma espécie de revolta contra a morte” (apud Morin, s/d., p.23); assim, a Morte humana se apresenta como universal através da sepultura, dado primeiro e fundamental.

Outro dado importante que é necessário pontuar, é que a Morte se apresenta enquanto revelação e introdução (Chevalier & Geerbrandt); neste sentido, ela possibilita a ascensão do espírito, libertando-o das forças negativas. Entre os gauleses, o Deus da Morte ou *Ógmios* (na Irlanda, *Ogme*) é o “pai da raça”, e todos são seus descendentes; e, apesar da cristianização, *Ógmios* é *Ankou*, na Bretanha armoricana. Além de apresentar-se ao Homem como revelação e introdução, a Morte também pode lhe conferir prestígio, honra; pode-se mesmo morrer por orgulho ou por amor, ou pela defesa de valores novos, revolucionários, por isto o Homem *arrisca* sua vida. Afinal de conta, para o Homem a Morte não é um fim, podendo

configurar-se em sua Salvação ou no Nirvana, sendo portanto seu renascimento.

A Morte é uma temática que envolve uma infinidade de dimensões, como o lirismo trágico que envolve alguns personagens famosos que morrem como punição a um amor proibido, a exemplo de *Romeu e Julieta* e *Tristão e Isolda*. Há, também, a Morte como punição para assassinos, ladrões, corruptos, adúlteros, avarentos, entre outros; nesse caso, trata-se da sua relação direta com a moral dos grupos culturais. Nesse ponto, podemos construir um verdadeiro mural da Cultura Brasileira para, ao final, reencontramos, novamente, o Homem Universal, com todas as suas regras, valores, normais e leis.

Sempre seduzido pela metáfora que envolve sua Vida de um realismo-mágico, o Homem confere sentidos à Morte que vão do trágico, áspero, violento, forte, passando pelo épico, até chegar ao satírico, entre outros, de forma a expressar toda a Angústia que perpassa sua Vida, a partir da consciência da constante Sombra que o espreita de forma impiedosa. Essa “consciência humana da morte” no dizer de Morin, constitui um pólo de realidade antropológica, e se mostra enquanto “nó górdio” – visto que permite a Dialogia Vida-Morte – ao mesmo tempo que abre uma “brecha” e introduz a dimensão da Imortalidade, que se desvela até no irromper da Ressurreição: Vida-Morte-Vida; esta Circularidade Recursiva pode ser apreendida em todo e qualquer momento do Universo; sendo a Ressurreição a vitória anunciada pelos profetas judeus do século II, a reconciliação da alma e do corpo, ou seja, do Homem no seu conjunto (lembramos da ressurreição de Lázaro); e esta vitória é conseguida através da participação no sacrifício.

É a Vida dentro da Morte, onde a “existência da Cultura, isto é, de um patrimônio coletivo de saberes (saber fazer, normas, regras organizacionais, etc) só tem sentido porque as gerações morrem e é constantemente preciso transmiti-las às novas gerações. Só tem sentido como reprodução, e este termo assume seu sentido pleno em função da morte” (Morin, s/d., p.10-11). Apesar de haver sido, sistematicamente, recalcada pela civilização ocidental nas últimas décadas, o fato é que a Morte continua a ser seu “fermento”, através preponderantemente de angústias manifestadas sob a forma de máscaras diversas, e, por

isso, irrompe fortemente no nosso cotidiano: não há como negá-la! No seu ressurgimento, é claro, ela é unificada, trata-se de “um grande acontecimento civilizacional” (Idem, p.11), daí a necessidade de lhe atribuirmos um sentido.

Essa questão de atribuir um sentido à Morte também tem sido estudada por Gilbert Durand. Para ele, tal sentido é buscado através do vínculo secreto e imaginário que liga e religa o mundo e as coisas ao plano da consciência, pois se vive e se morre por idéias, como também a Morte dos homens é absorvida por imagens, “por isso o imaginário, longe de ser uma paixão vã, é ação eufêmica e transforma o mundo segundo o Homem de Desejo!” (Durand, 1989, p.297).

Pode-se compreender, então que a questão fundamental do Ocidente é a procura exclusiva da transcendência, com a manutenção, em nossas sociedades modernas, de conceitos arcaicos de Morte – ou seja, da morte primitiva -, de modo permanente e orgânico, através do folclore e do ocultismo, estando presente, também, nos nossos sonhos e fantasias, na nossa estética e nos momentos de perigo e de dor. É evidente que tal presença é metafórica, e suscita uma infinidade de imagens passíveis de serem apreendidas, caso nos voltemos para o estudo do nível do simbólico/para o estudo do mito, pois “mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significado, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos”(Campbell, 1990, p.5).

Assim, apesar da crítica racional, nas “civilizações evoluídas”, questionar a imortalidade da alma, e tentar fazer com que o homem colida frontalmente com a morte; o fato é que surgem nessas civilizações três novas perspectivas à Morte, são elas: “a salvação pessoal, o deus que salva concretamente da morte e dá ao indivíduo a imortalidade do seu ser total, por outro lado, a salvação cósmica onde quer a alma, quer o espírito humano podem esperar encontrar uma espécie de imortalidade

na fusão com a divindade cósmica, e finalmente o ceticismo, o ateísmo” (Morin, s/d., p.177).

O problema de conviver com a Morte inscreve-se, cada vez mais, na nossa vida cotidiana. Segundo E. Morin, “isso vai levar-nos a um modo de viver de dimensão simultaneamente pessoal e social. Mais uma vez, o caminho da morte deve levar-nos mais fundo na vida, como o caminho da vida nos deve levar mais fundo na morte” (Idem, p.11).

E assim, choramos os mortos da bomba de Hiroshima e dos campos de concentração, na 2ª Grande Guerra... Choramos os Yanomami massacrados há pouco tempo atrás... Choramos os mortos de fome de todo o mundo, de todo o Brasil, do Nordeste e de Pernambuco... Choramos os mortos-retirantes do Sertão (lembro da Morte Severina, de João Cabral de Melo Neto)... Choramos os mortos da seca que, atualmente, assola o nosso Sertão... Choramos, enfim, os nossos irmãos “miseravelmente mortos”, critério inventado para classificar/enquadrar as famílias que não têm nada. No município de São José de Belmonte, 270 famílias são miseravelmente mortas”. São mais de mil pessoas vivendo em completo abandono, que não têm, sequer, acesso à sobra ou lixo alimentar.

Para terminar, transcrevo, agora, um trecho da matéria *Seca cria os “miseravelmente mortos”*, do jornalista Jodeval Duarte, publicada no *Jornal do Commercio* de 21/04/98:

(...) No sítio Barra de São Pedro, perto do distrito do Carmo, vive outra família de ‘miseravelmente mortos’. É formada pelo casal e oito filhos. Sábado passado, ao meio-dia, os filhos esperavam que os pais chegassem com algum alimento. Estavam sem comer, definhando. A filha mais velha inventava passa-tempo para os menores esquecerem a fome. O filho mais velho, Antônio, nove ano de idade, tomava conta dos dois irmãos mais novos, doentes de fome. Dormem o tempo todo, têm febre e quando acordam soltam um choro triste, fraco.

Difícilmente passam desta semana, se não chegar socorro.

O chefe da família, como ainda é largamente aceito no Sertão, chegou de mãos vazias. É Juvenal Vicente Ferreira, acha que está com 35 anos. Toda lembrança que tem da vida é de trabalho e não chegou a canto nenhum. É analfabeto e os filhos continuam a saga. Está ocupando um casebre que foi abandonado, porque é um fugitivo da fome no pé da serra, a uns cinco quilômetros do lugar. Foi à procura de trabalho, e não encontrou. Sobrevive agora da esperança de ajuda.

Os filhos de Juvenal reproduzem com perfeição os quadros mais clássicos das secas nordestinas. Vivem seminus, são magros, têm os olhos muito grandes e tristes. Dormem amontoados num canto de chão batido do casebre. Não estudam, não têm passado nem presente, e não parecem Ter qualquer futuro.

(...) A fome é a assombração e quando as pessoas nada têm a perder fica fácil entender a raiz mais profunda do medo. É o caso dos 'miseravelmente mortos' que povoam a terra ressecada bem perto da Pedra Bonita, ou Pedra do Reino, onde no século passado um fanático prometia o reino milenar aos ancestrais dos desesperados de hoje. Quem vê o drama [da família de Juvenal] entende porque os fanáticos da Pedra Bonita entregavam seus filhos para o sacrifício que iria trazer um milênio de fartura, com o leite correndo no leito esturricado do Pajeú.

Gostaria, a partir deste texto, de fazer uma conclamação à Vida: que o choro e o lamento por nossos Irmãos-Sertanejos possibilitem que nós nos metamorfoseemos de casulos em borboletas!... Como Alcmeão de Crotona, médico grego antigo, próximo dos pitagóricos, citado por Fernandes, disse: “os

homens morrem porque não são capazes de juntar o começo ao fim” (Fernandes, 1994, p. 31).

Por fim enredada na Teia construída ao longo deste trabalho, devo lembrar que a Antropologia com a qual trabalho estuda o Homem em seu sentido mais amplo. Este Homem inteiro resgatado pelo Paradigma da Complexidade forja, enfim, a sutura do par Antropologia-Biologia, tão caro a todos nós, presentes aqui, profissionais da área de Saúde e da área de Ciências Sociais.

Que colaboremos, então, para a re-junção/re-ligação desse par, e voltemos nosso olhar para um Homem Total. “Isto indica que a nossa tentativa não convida apenas a uma descrição psicológica, mas sim a uma ciência total, a única que nos permitirá conhecer simultaneamente a morte pelo homem e o homem pela morte. (...) Nada está verdadeiramente aberto, nada está verdadeiramente fechado. É possível uma nova aventura [que consiste] em impelidos pelo amor e pela curiosidade, nos dedicarmos à itinerância para os aléns, entregues ao acaso, à incerteza, à morte”(Morin, s/d., pp. 20 e 237).

Referências Bibliográficas

ANJOS, A. dos. *Antologia Poética de Augusto dos Anjos*, 4^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

ATLAN, H. *Entre o Cristal e a Fumaça – Ensaio sobre a organização do ser vivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

BANDEIRA, M. *Meus Poemas Preferidos*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

CAMPBELL, J. *O Poder do Mito – com Bill Moyers*. Organizado por Betty S. Flowers. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DURAND, G. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

_____. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FERNANDES, R. César. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Jornal do Commercio. Caderno Regional. Recife: 21/04/98.

MORIN, E. *O Homem e a Morte*, 2. ed. Lisboa: Europa-América, s/d.

_____. *Meus Demônios*. Lisboa: Europa-América, 1995.

PESSOA, F. *Fernando Pessoa – Seleção Poética*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

PROGOGINE, I.; STENGERS, I. *A Nova Aliança – Metamorfose da Ciência*. Brasília: UnB, 1991.

SUASSUNA, A. *A Pena e a Lei*, 3. ed. Rio de Janeiro: Agir: 1994.